Sermão do Oitavo Domingo depois de Pentecostes

Os dois últimos domingos foram dedicados à reflexão sobre os fins e frutos do Santo Sacrifício da Missa.

Hoje, neste Oitavo Domingo de Pentecostes, estudaremos os principais erros teológicos do Missal do Novus Ordo, a Missa Montiniana.

A maior crítica dirigida ao missal de Paulo VI diz respeito à profissão da fé católica. O próprio rito, em seus gestos e palavras, em sua totalidade e em seus detalhes, altera a fé católica.

Em sua Carta de Introdução ao Breve Exame Crítico, os Cardeais Ottaviani e Bacci declararam:

"O novo *Ordo Missæ* — se considerarmos os novos elementos, suscetíveis a diversas interpretações, que nele aparecem implícita ou implicitamente — afasta-se drasticamente, tanto no seu todo quanto em detalhes, da teologia católica da Santa Missa, tal como formulada na 22ª sessão do Concílio de Trento, que, ao estabelecer definitivamente os cânones do rito, ergueu uma barreira intransponível contra qualquer heresia que pudesse ameaçar a integridade do Mistério."

A questão mais grave é que o Novus Ordo não contradiz diretamente a fé… ele a disfarça, silencia, sufoca e a aniquila.

Para compreender isso, quatro pontos, entre outros, serão suficientes:

1) Sobre a Fé e seus mistérios em geral
2) Sobre o aspecto sagrado dos mistérios
3) A supressão do aspecto sacrificial
4) A fé diminuída na Presença Real

1) Sobre a Fé e seus mistérios em geral

O propósito do ritual é instruir os sacerdotes e os fiéis e prepará-los para a adoração a Deus por meio da proposição das Verdades da Fé. Recordemos o famoso adágio teológico *lex credendi lex orandi* (a lei da crença é a lei da oração), que, ao longo dos séculos, serviu como um barômetro doutrinal, ilustrando que as orações e ritos oficiais da Igreja são uma expressão de sua Fé e de sua Teologia. A lei da fé estabelece a lei da oração, e não o contrário.

É evidente que se pode honrar a Deus por meio da liturgia se já se possui fé inabalável, esperança inabalável e caridade genuína. Deve ficar claro que a Liturgia em geral, e a Missa em particular, só podem inspirar e nutrir a fé naqueles que já a possuem.

Ora, qual é a fé daqueles que, com a Nostra Apóstolos do Vaticano II, reconhecem todas as religiões? Qual é a esperança daqueles que aderem ao ensinamento da *Gaudium et Spes* daquele concílio? Qual é a caridade daqueles que distorcem os sete Sacramentos?

Vejamos como, no novo rito, numerosas verdades são alteradas ou ocultadas pela supressão das orações:

Pecado:

O Novo Missal não contém mais as orações *Indulgentiam, Aufer a nobis, Oramus te, Deus qui humanæ, Suscipe sancte Pater*, que nos lembram da condição pecaminosa da humanidade.

Desprezo pelas coisas mundanas:

O Arcebispo Marcel Lefebvre disse em 2 de julho de 1977: "*Neste novo missal, todas as orações que falavam de desprezo pelas coisas mundanas para nos unirmos às coisas celestiais foram alteradas. Que ideia tiveram aqueles que mudaram essas coisas? Não são as coisas celestiais tais que devemos desprezar as coisas terrenas, que são para nós ocasiões de pecado*?"

Combate espiritual:

O Arcebispo Marcel Lefebvre, em uma Conferência Espiritual no Seminário de Écône em 25 de junho de 1981, disse: "*Tudo o que indicava luta, combate espiritual, foi suprimido nas orações. Os termos 'perseguidores', 'inimigos', tudo isso foi suprimido"*.

O mistério da Redenção: Fala-se de "Salvação" de forma muito vaga.

A virgindade perpétua da Virgem Maria:

Na Nova Ordem Mundial, é possível (dependendo da seleção das orações propostas) não se falar da Virgem Maria. E sabe-se que a virgindade perpétua de Maria é um obstáculo para os protestantes… De fato, a palavra "perpétua" aparece apenas em uma das quatro Orações Eucarísticas. Em contraste, o rito antigo repete esse dogma pelo menos cinco vezes.

Fé nos Novíssimos e nas Últimas Coisas:

Na Conferência mencionada, o Arcebispo Lefebvre acrescentou: "*O rito pelos mortos foi modificado. A palavra 'alma' desapareceu frequentemente de inúmeras orações pelos mortos, porque com as novas filosofias, já não se sabe ao certo se existe uma*

distinção real entre alma e corpo. Portanto, não se deve mais falar da alma. É inacreditável, inimaginável! Não há mais devoção aos mortos; o sentido de purgatório já não existe."

+++

2ª) Quanto ao aspecto sagrado dos mistérios

As próprias rubricas do missal estabelecem essa perda do sentido do sagrado através da constante mutabilidade do rito e de uma laxidão litúrgica generalizada.

A constante mutabilidade do rito distorce seu caráter sagrado, ainda que apenas pela diversidade de Missas: a primeira parte da Missa tem 3 fórmulas, a segunda 3 e o cânone 4. Assim, cada sacerdote pode construir "sua" Missa de acordo com 3×3×4… 36 possibilidades.

E isso se limita às palavras, sem considerar os gestos e outras cerimônias que podem ser acrescentadas ou inventadas à vontade pelos conselhos paroquiais.

Dar ao sacerdote e ao seu conselho paroquial liberdade quase total de gestos e um alto grau de iniciativa coletiva para os textos da Missa gera mecanicamente uma perda do respeito devido ao próprio rito.

De fato, imaginação e fantasia raramente andam de mãos dadas com um senso de respeito.

Por outro lado, o uso de um rito fixo e profundamente enraizado, que remonta a cerca de quinze séculos e está codificado em detalhes em suas palavras e gestos, gera profundo respeito tanto do sacerdote quanto dos fiéis.

A regra pedagógica mais básica para ensinar a natureza sagrada de um objeto é mantê-lo fora do alcance de todos e proibir sua alteração de acordo com os caprichos dos usuários.

Quanto à negligência geral nas práticas litúrgicas, esta é causada pelo abandono e supressão de muitos sinais de reverência, em particular:

– A pedra do altar; a preciosidade dos vasos sagrados; uma única toalha de altar em vez de três; ou certas vestes litúrgicas (o manípulo, o amito, o cíngulo, o véu do cálice, a bolsa e até mesmo a própria casula).

– As genuflexões, cujo número é reduzido de 12 para 2, e o Sinal da Cruz, que é reduzido de 47 para 7.

– O número de orações, que reduz a duração da Missa – em sua forma mais curta – para 10 ou 12 minutos.

O Arcebispo Lefebvre observou isso lucidamente: A dessacralização ocorre principalmente através de:

- A língua vernácula. A supressão da língua sagrada, que era o latim, profanou, em certo sentido, a Santa Missa e a transformou em algo que não é mais verdadeiramente sagrado.

- O uso da palavra em voz alta durante toda a Missa. Não há mais momentos de silêncio, nem palavras proferidas em voz baixa pelo sacerdote que convidam à meditação sobre o grande mistério que ali se desdobra.

- A substituição do altar por uma mesa.

- A posição do sacerdote. Estar de frente para o povo na Missa não convida à contemplação do mistério que está sendo celebrado. O próprio sacerdote se distrai com o povo à sua frente. E o povo se distrai com o sacerdote, especialmente se ele age de maneira um tanto agitada, desordenada ou desrespeitosa.

- A distribuição da Sagrada Comunhão pelos fiéis.

+++

3ª) A Supressão do Aspecto Sacrificial

Em 1523, o herege Martinho Lutero publicou sua "*Formulae missae et communionis*", um tratado litúrgico escrito em latim para reformar o culto em Wittenberg. Entre outras coisas, ele eliminou o Ofertório e o Cânon da Missa, rejeitou a ideia de sacrifício e introduziu a comunhão sob as duas espécies. Ele afirmou:

"*A Missa não é um sacrifício… chamemo-la de bênção, Eucaristia, Ceia do Senhor… demos-lhe qualquer outro nome que quisermos, contanto que não a contaminemos com o título de sacrifício. Essa abominação chamada Ofertório… Disso ressoa e se sente o pleno caráter de sacrifício.*"

Como consequência da interferência de seis pastores protestantes e católicos protestantizados, o NOM se manifesta como uma refeição (a Ceia do Senhor) e não como um sacrifício. Essa eliminação é realizada e manifestada de quatro maneiras:

a) Pela supressão do Ofertório

Na doutrina católica, o Ofertório serve para esclarecer o caráter sacrificial da Missa, ou seja: a oferta do Corpo e Sangue de Nosso Senhor em expiação pelos nossos pecados. O Ofertório é, portanto:

– a oferta antecipada do Corpo e Sangue de Jesus Cristo,
– feita a Deus Pai,
– apresentada pelo sacerdote,
– em expiação pelos nossos pecados.

O Ofertório tradicional desenvolve esses pontos sem qualquer ambiguidade. Isso não ocorre mais no novo Ofertório, que não é a oferta antecipada do Corpo e Sangue de Cristo, mas uma oração baseada em uma bênção judaica [Trata-se da famosa oração: "Bendito sejas Tu, Senhor, Deus do Universo, por este pão, fruto da terra e obra das mãos humanas, que recebemos da Tua bondade e agora Te apresentamos: ele se tornará para nós o pão da vida"].

O mesmo se aplica ao vinho. Retornaremos a este tema, se Deus quiser, em duas semanas.

***

b) Pela supressão da menção ao sacrifício propiciatório

As orações que expressam explicitamente a ideia de propiciação, como as do Ofertório e as pronunciadas pelo sacerdote antes da Comunhão, foram suprimidas… O termo "sacrifício" está totalmente ausente da Oração Eucarística nº 2, conhecida como Oração de Santo Hipólito; a mais utilizada devido à sua brevidade.

O sentido diminuído de sacrifício é, portanto, evidente no novo rito, porque o próprio termo "sacrifício" raramente é usado, e quando o é, é à maneira protestante, visto que os protestantes aceitam o termo "sacrifício" para a Missa, mas apenas como um sacrifício de louvor ou um sacrifício eucarístico, e não como propiciatório.

O Concílio de Trento condenou isso da seguinte maneira: “Se alguém disser que o Sacrifício da Missa é apenas de louvor e ação de graças, ou uma mera comemoração do sacrifício feito na cruz, mas não propiciatório; ou que beneficia apenas quem o recebe e que não deve ser oferecido pelos vivos e pelos mortos, pelos pecados, pelas penas, pelas satisfações e por outras necessidades, seja anátema.”

***

c) Devido ao estilo narrativo da consagração, que sugere um relato comemorativo em vez de uma ação litúrgica.

A famosa 15ª Nota do Breve Exame Crítico diz o seguinte:

“As palavras da Consagração, pela forma como são inseridas no contexto do Novus Ordo, podem ser válidas devido à eficácia subjetiva da intenção do ministro. Mas podem não ser válidas, na medida em que deixam de o ser pela própria força das palavras, ou mais precisamente, pela virtude objetiva da forma como significavam até agora na Missa. Portanto, os sacerdotes que num futuro próximo não tiverem sido instruídos segundo a doutrina tradicional e que simplesmente se apoiarem no Novus Ordo com a intenção de ‘fazer o que a Igreja faz’ consagrarão de facto validamente? É lícito duvidar disso.”

***

d) Pelos próprios gestos litúrgicos

O Arcebispo Lefebvre, em Conferências proferidas no Seminário de Écône em 1979 e 1981, afirmou:

“Para analisar o novo rito, não se deve considerar apenas os textos, mas também todas as atitudes, os novos gestos litúrgicos.” Gestos: as genuflexões, os sinais da cruz, as reverências e até mesmo as mudanças nos objetos.

Tudo foi transformado! Não há mais genuflexões, não há mais sinais da cruz! É abominável! O sinal da cruz mostrava claramente que se tratava do sacrifício da Cruz. Não digamos que são detalhes. Não são detalhes. São gestos que têm seu significado, seu valor.”

+++

4) O declínio da fé na Presença Real

A maior crítica dirigida ao missal de Paulo VI diz respeito à profissão da fé católica. O próprio rito, em seus gestos e palavras, tanto em seu conjunto quanto em seus detalhes, altera a fé católica. Lembremos o adágio *lex credendi lex orandi*…

O Breve Exame Crítico do Novus Ordo afirma:

“A razão pela qual o Sacrifício não tem uma indicação suficientemente explícita no Novus Ordo é que a Presença Real perdeu seu lugar verdadeiramente central (tão esplendoroso na Missa antiga).

Há apenas uma menção — a saber, a única nota de rodapé, extraída do Concílio de Trento — e ela se refere à Presença Real como alimento. Mas a Presença Real e Permanente do Corpo e Sangue de Cristo, juntamente com Sua Alma e Divindade, que ocorre sob as espécies após a transubstanciação, nunca é mencionada. Além disso, a própria palavra "Transubstanciação" é completamente ignorada.

Ademais, a razão para suprimir a invocação à terceira Pessoa da Santíssima Trindade ("Vinde, Santificador…"), pela qual o Espírito Santo era implorado a descer sobre os oblatos preparados para realizar o milagre da Presença Divina, como antes sobre o ventre da Virgem Santíssima, é objetivamente a mesma: ou seja, pertence ao mesmo tipo de silêncio e negação tácita, aliás, à contínua cadeia de negações concernentes à Presença Real.

Também foram abolidos:

a) as genuflexões, das quais restam apenas três para o sacerdote e uma para o povo no momento da Consagração (e isso, sujeito a muitas exceções);

b) a ablução dos dedos sobre o cálice;

c) a preservação dos mesmos dedos de qualquer contato profano após a Consagração;

d) a purificação dos vasos sagrados, que não é necessariamente exigida imediatamente após a tomada do cálice, nem sobre o próprio corporal;

e) o pálio, com o qual o Preciosíssimo Sangue de Cristo no cálice era protegido;

f) o douramento dos vasos sagrados;

g) a consagração do altar portátil;

h) a pedra sagrada e as relíquias sobre o altar portátil, e até mesmo sobre a mesa, quando a celebração ocorre em locais não sagrados. Admitindo-se esta exceção, abre-se caminho para as "ceias eucarísticas" em residências particulares;

i) as três toalhas de altar, das quais apenas uma é prescrita atualmente;

j) a ação de graças, que deveria ser feita de joelhos, e que é substituída por uma ação de graças desajeitada do sacerdote e dos fiéis sentados; além disso, a Comunhão é recebida de forma irreverente pelos fiéis em pé;

k) finalmente, as antigas prescrições sagradas para o caso da Hóstia consagrada cair sobre a fundamento, que se reduzem mesquinhamente a apenas isto: “receber a Hóstia reverentemente”.

Todas essas coisas juntas, com sua repetição, manifestam e confirmam injuriosamente a negação implícita da Fé no dogma mais augusto da Presença Real de Cristo na Eucaristia.

+++

Por todas essas razões e muitas outras, em sã consciência não se pode assistir à nova Missa, seja em latim ou em português, de frente para o povo ou de frente para o Tabernáculo.

E, portanto, pelas mesmas razões, deve-se assistir somente à Missa Tradicional em Latim, a Missa de todos os tempos.